

## **Encruzilhada feminina no mercado de trabalho**

*Luan Seixas*

A pesar dos 96 anos oficiais do ingresso feminino no mercado de trabalho, em consequência da I e II Guerras Mundiais, no Brasil, apenas cerca de 44% da população economicamente ativa são mulheres, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em países como Estados Unidos e Grã-Bretanha, a participação feminina no mercado já passa dos 60%.

As mulheres que optaram pelo trabalho se tornaram flexíveis e polivalentes. Segundo o doutor em medicina pela Universidade de São Paulo (USP), o ginecologista Joji Ueno, a maior pressão sentida pela mulher não é a de provar sua competência, mas sim o próprio desejo de conciliar o trabalho com a família. "O ambiente de trabalho ainda não contempla as necessidades da mulher. São necessárias muitas mudanças para que a maternidade e o sucesso profissional possam caminhar lado a lado: jornadas flexíveis, possibilidade de trabalhar a distância, e oferta disseminada de benefícios, como creches", analisa.

Segundo Ueno, o difícil balanço entre a vida profissional e a pessoal está na raiz de grande parte da insatisfação manifestada pelas mulheres no mercado de trabalho. "Estudos mostram, por exemplo, que a maternidade pode causar grandes prejuízos à carreira. A maternidade no início da carreira é o principal fator de desigualdade salarial entre homens e mulheres", afirma o doutor, acrescentando que estudos apontam que até mesmo as mulheres britânicas, tidas como as mais desenvolvidas, ganham, em média, 17% menos que os homens.

**EXECUTIVAS.** No Brasil, segundo levantamento realizado pela consultoria WatsonWyatt com 109 empresas, a defasagem salarial das mulheres em cargos executivos, é, em média, de 5%. Nos postos de direção, a diferença é de 7%.

"Uma das justificativas é o fato de elas optarem por trabalhar meio período, após o nascimento do bebê. De acordo com o Institute for Fiscal Studies, a inglesa se torna mãe, em média, aos 24 anos. Decidir encurtar a jornada pode fazer com que a mulher deixe de ganhar US\$ 1 milhão (cerca de R\$ 1,8 milhão) ao longo da carreira" conta Ueno.

A questão emprego "versus" vida pessoal não deve ser pensada, segundo Ueno, como uma dicotomia, como se ambos fossem forças que se repelem. Para ele, flexibilidade é muito importante para a mulher que deseja conciliar a carreira com a maternidade. "Flexibilidade é importante para quem busca a felicidade. O fato de que tantas profissionais sejam forçadas a descartar a maternidade é uma injustiça flagrante, além de afetar significativamente o mundo dos negócios, uma vez que obriga as mulheres que desejam ser mães a interromper suas carreiras", defende.

Se grande parte das mulheres que insistem em seguir carreira ficam impedidas de constituir família, outra parte igualmente grande e que opta pela família é obrigada a encerrar sua carreira. "O custo social desta postura excludente é muito alto para as empresas; e na economia ganha dimensões gigantescas. A força de trabalho do País precisa das mulheres. Não podemos nos dar ao luxo de perder excelentes profissionais porque elas resolveram ter filhos, ou porque elas desejam comemorar o dia das mães", conclui Ueno.

**LONGA CAMINHADA.** Segundo a diretora da distribuidora de Gás LP SHV Gás Brasil, Angela Furtado, que tem cerca de 36 anos de carreira, a inserção da mulher no mundo corporativo, no País, ainda é muito difícil. "O mundo corporativo ainda é machista. Acho que talvez, por essa questão da gestação. Compete a nós, mulheres, com nossas habilidades e competências fazermos dessa barreira um degrau para nosso crescimento", diz.

Para Angela Furtado, os hormônios femininos fazem alguma diferença no ambiente de trabalho. "Acho que a mulher tem sensibilidade para racionalmente fazer julgamentos com mais calma e tomar decisões mais acertivas, diferentemente do homem, que acaba sendo mais impulsivo em alguns casos", avalia. Segundo Angela, a mulher é mais sensível no ambiente de trabalho no sentido de analisar o contexto total, o que permite a ela (mulheres)

tomar uma decisão mais racional. "Na empresa isso é um fato. A mulher consegue ter uma visão mais ampla no negócio. Ela tem uma visão mais estratégica do que tática", diz.

Para ela, a mulher se sente mais exigida do que o homem no ambiente de trabalho. "O fato da gente fazer com mais afinco aquilo que gostamos, nos deixa mais pressionadas. Gostamos das coisas muito bem estruturadas e pensadas. Sempre queremos a perfeição. De uma certa forma, as mulheres fazem isto na família: o melhor".

**Fonte: Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 5, 6 e 7 mar. 2010, Seudinheiro, p. B16.**

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais